



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020
Fraternidade e Vida: dom e compromisso
“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

**O BOM SAMARITANO:
ANÚNCIO DA COMPAIXÃO E DO CUIDADO COM A VIDA**

Em meio a ricos textos bíblicos que podem iluminar a Quaresma, a Campanha da Fraternidade destaca a parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37) tornando-a referência para tudo o que viermos a rezar, refletir e agir. Essa parábola é parte da explicação do que seria necessário fazer para entrar na vida eterna. O doutor da lei questiona Jesus sobre o que realmente não poderia deixar de ser feito para herdar a vida eterna.

“Que devo fazer?”. A busca pelo cumprimento exato das prescrições da lei deveria ser seguida do esforço pessoal para colocá-las em prática. Diante da questão, Jesus responde com uma nova pergunta com a qual indaga sobre o conteúdo das Escrituras. A Jesus não interessava inserir um novo ensino teórico sobre os deveres em relação ao mandamento do amor a Deus e ao próximo. Jesus propõe uma nova perspectiva e uma nova possibilidade de realizar tal mandamento. Os mestres fariseus já haviam ensaiado muitas vezes respostas sobre quem seria o próximo, citado em Lv 19,18, mas oscilavam sempre entre as ligações nacionais, étnicas, afetivas, sociais e religiosas.

A parábola é composta por cinco personagens anônimos, indicados apenas por suas etnias e funções. Dois transeuntes oriundos do templo, o sacerdote, responsável pelos sacrifícios, e o levita, responsável pela animação da liturgia, retornam de Jerusalém após concluírem seus turnos de trabalho e agem com indiferença. Poderia ser por motivos culturais, religiosos, ou simplesmente por não desejarem interromper a viagem. Um samaritano que passava, ao ver o homem, sentiu compaixão. Essa compaixão nasceu do seu modo diferente de olhar, do seu modo diferente de perceber aquela realidade. Essa compaixão o levou a se aproximar do homem, gastar tempo, modificar parcialmente.

A postura inesperada do samaritano contém o centro do ensinamento de Jesus: o próximo não é apenas alguém com quem possuímos vínculos, mas todo aquele de quem nos aproximamos. É todo aquele que sofre diante de nós. A vida nos traz oportunidade de concretizar a fé em atitudes bem específicas. Identificar quem deve amar e não tanto quem deve ser amado, pois todos devem ser amados, sem distinção. Não importa quem é o próximo. Importa quem, por compaixão, se torna próximo do outro. A medida do amor é estabelecida pela necessidade do outro.

No final da narrativa Jesus inverte a pergunta do seu interlocutor e a lógica de todos nós, mostrando que não somos nós que definimos quem é o próximo, mas é a pessoa em situação de necessidade a quem devemos reconhecer como próximo.

A capacidade de compaixão se tornou a medida do cristão, ou melhor, do ensinamento de Jesus. Ao falar sobre o significado da misericórdia para um presbítero, o Papa Francisco apresenta a proximidade, a afinidade e o serviço como critérios para a ação pastoral.

O rompimento da indiferença torna o samaritano mais humano. A compaixão expressa o zelo aos moldes de Deus: aproximar-se e fazer-se útil ao outro. Servi-lo! Ver, sentir compaixão e cuidar apresentam-se como um autêntico *programa quaresmal*: 1) escuta da Palavra que converte o coração; 2) verdadeira atenção pelos outros; 3) romper com a indiferença frente ao sofrimento; 4) disponibilidade para o serviço. Torna-se, assim, visível a corresponsabilidade da vida humana.

Quaresma é tempo favorável para sairmos de nossa alienação existencial causada pelo pecado. Tempo de abertura ao mistério da dor e da morte, do Crucificado Vencedor da morte. Graças à escuta da Palavra de Deus, percorremos um itinerário que nos deixa intuir a preciosidade da existência cristã e vivermos na liberdade e na verdade de sermos filhas e filhos de Deus.

A Igreja nos recorda que esse caminho de vida nova em Cristo e com Cristo pede jejum, oração e esmola. O jejum ajuda a esvaziar-se, abrir-se ao outro. No vazio de nós mesmos, somos fecundados pela gratuidade da vida. A oração, diálogo de amor, de amizade, é aproximação, nova relação,



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

"Viu, sentiu compaixão e cuidou dele" (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

exposição; ocasião em que somos tocados pela amorosidade de Deus. A esmola é encontro com o próximo; é exercício de compromisso com o dom da vida, pois, "para o outro, o próximo é você".

Por meio das obras corporais, tocamos a carne de Cristo nos irmãos e irmãs necessitados e as obras espirituais tocam nosso ser de pecadores. Por isso, as obras corporais e as espirituais nunca devem ser separadas, pois é precisamente tocando a carne de Jesus crucificado, no miserável, que o pecador pode receber, em dom, a consciência de ser ele próprio um pobre mendigo.

Jesus é o verdadeiro bom samaritano que se aproxima dos homens e das mulheres que sofrem e, por compaixão, lhes restitui a dignidade perdida. A perspectiva do Paraíso eterno orienta a vida ainda no momento presente e convida os homens e as mulheres a terem em si os mesmos sentimentos que estão no coração misericordioso de Cristo. O próprio Jesus é o modelo dessa opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Como nos faz bem vê-lo perto de todos! A entrega de Jesus na cruz é apenas o culminar desse estilo que marcou toda a sua vida. Fascinados por esse modelo, queremos inserir-nos a fundo na sociedade, partilhamos a vida com todos, ouvimos as suas preocupações, colaboramos material e espiritualmente nas suas necessidades.

Na busca de transformação e santificação, a Igreja no Brasil, oferece às Comunidades, no tempo da Quaresma a Campanha da Fraternidade, com o tema: "Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso" e com o lema: "Viu, sentiu compaixão e cuidou dele". *Fraternidade e Vida!* Pelo Verbo de Deus tudo foi criado e no faça-se! (Gn 1,3), quando tudo passou a existir, a vida divina foi irresistivelmente comunicada como um transbordamento do amor Trinitário. *Dom e Compromisso!* A vida é um dom que recebemos de Deus e que somos chamados a partilhar em busca da plenitude. Eis o nosso compromisso para com essa vida, dom de Deus: levá-la à plenitude de Cristo. Criados à sua imagem e semelhança, somos filhos no Filho e os seus gestos de fraternidade nos ensinam este caminho: "Viu, sentiu compaixão e cuidou dele" (Lc 10,33-34).

Vida é Dom de Deus! "Eu vim para que tenham a vida, e a tenham em abundância" (Jo 10,10). Jesus Cristo não apenas anunciou, mas Ele mesmo é a plenitude, a consumação de toda a vida. Ele mesmo se revela para nós como Caminho, a Verdade e a Vida! (Jo 14,6). *Vida é compromisso fraterno!* A vida como dom nos conduz ao compromisso de *comprometer-se com*, como vemos na parábola do bom samaritano. VER, SENTIR COMPAIXÃO e CUIDAR serão os verbos de ação que nos conduzirão no tempo quaresmal. Que possamos nos dispor a uma profunda conversão da cultura da morte para a cultura da vida.

Objetivo Geral: Conscientizar, à luz da Palavra de Deus, para o sentido da Vida como Dom e Compromisso, que se traduz em relações de mútuo cuidado entre as pessoas, na família, na comunidade, na sociedade e no planeta, nossa Casa Comum.

Objetivos Específicos

- Apresentar o sentido da vida proposto por Jesus nos Evangelhos;
- Propor compaixão, a ternura e o cuidado como exigências fundamentais da vida para as relações sociais mais humanas;
- Fortalecer a cultura do encontro, da fraternidade e a revolução do cuidado como caminhos de superação da indiferença e da violência;
- Promover e defender a vida, desde a fecundação até o seu fim natural, rumo à plenitude;
- Despertar as famílias para a beleza do amor que gera continuamente vida nova;
- Preparar os cristãos e as comunidades para anunciar, com o testemunho e as ações de mútuo cuidado, a vida plena do Reino de Deus;



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

- Criar espaços nas comunidade para que, pelo batismo, pela crisma e eucaristia, todos percebam, na fraternidade, a vida como Dom e Compromisso;
- Despertar os jovens para o dom e a beleza da vida, motivando-lhes o engajamento em ações de cuidado mútuo, especialmente de outros jovens em situação de sofrimento e desesperança;
- Valorizar, divulgar e fortalecer a inúmeras iniciativas já existentes em favor da vida;
- Cuidar do planeta, nossa Casa Comum, comprometendo-se com a ecologia integral.

I PARTE – “VIU, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

1. O olhar de Jesus – atenção aos outros

“Se buscarmos o princípio deste olhar, é necessário voltar ao livro do Gênesis, naquele instante em que, depois da criação do ser humano, ‘homem e mulher’, Deus viu ‘que era muito bom’. Esse primeiro olhar do Criador se reflete no olhar de Cristo”. (São João Paulo II)

Diante do convite para vivermos uma profunda conversão, temos duas maneiras de olhar que são apresentadas por Jesus na parábola do bom samaritano: um olhar que vê e passa em frente, vivido pelo sacerdote e pelo levita; e um olhar que vê e permanece, se envolve, se compromete, vivido pelo samaritano. Para uma verdadeira mudança de vida, precisamos aprender a configurar nosso olhar com o de Jesus, com o olhar do Bom Samaritano.

“Somente um olhar interessado pelo destino do mundo e do ser humano permitirá experimentar a dor pela situação que rege a história, mas que é superada pelo amor de Deus que a envolve. Somente contemplando o mundo com os olhos de Deus, é possível perceber e acolher o grito que emerge das várias faces da pobreza e da agonia da criação” (DGAE 2019-2023, n. 102).

O olhar que vê e passa adiante representa toda indiferença e desprezo pela vida do outro. Pelo olhar, construímos e se manifestam os conceitos mais profundos sobre a vida e o viver. É preciso exercitar a mesma perspectiva de olhar virtuoso que Cristo nos ensina. Não um olhar de indiferença, mas de compaixão. Essa foi a virtude que muitos santos buscaram viver, como nos diz Santa Terezinha: “Ah, compreendo agora que a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com suas fraquezas, em edificar-se com os menores atos de virtude que se lhes vir praticar; mas compreendi, sobretudo, que a caridade não deve ficar encerrada no fundo do coração.”

Na conferência de Aparecida (2007), os Bispos afirmam que devemos olhar a realidade como discípulos missionários de Jesus Cristo. O olhar de discípulos missionários nos anima, porque nos revela a beleza e a alegria escondidas em uma realidade que, às vezes, se mostra caótica e desesperadora. A vida, como Dom e Compromisso, é portadora de uma beleza e de uma alegria que nos levam a superar a dor e o sofrimento, as injustiças e as violações de direitos, convencidos de que “Deus criou o infinito para a vida ser sempre mais!”.

Uma samaritana comprometida com a vida

No dia 26 de maio de 1914, nascia em Salvador, Bahia, Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, a Irmã Dulce. Aos 13 anos ela passou a acolher mendigos e doentes em sua casa, transformando a residência da família em um centro de atendimento. A casa ficou conhecida como “A Portaria de São Francisco”. Iniciou sua caminhada junto às Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe. Depois da profissão religiosa retornou para Salvador, onde se viu imersa em uma realidade de miséria e de pobreza. A presença de Santa Dulce,



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

caminhando ao lado dos excluídos, dos abandonados à margem do sistema que exclui e flagela, é sinal de uma vida inteiramente doada ao próximo. Indo ao encontro daqueles que necessitavam de sua ajuda, em pouco tempo, Santa Dulce conseguiu autorização de sua superiora para trabalhar com aqueles a quem tanto chamava seu coração, tornando-se, assim, verdadeira samaritana.

Santa Dulce cuidou das famílias de operários e desempregados. Tal cuidado logo se estendeu a todos aqueles que pediam sua ajuda. Em uma pequena casa abandonada, construiu um consultório para cuidar dos que passavam por enfermidades e não tinham ninguém para os socorrer. Logo foi expulsa, com seus doentes e, assim, ficou peregrinando por dez anos em diversos locais em Salvador, até levar seus doentes ao Convento Santo Antônio; instalou-os no galinheiro que, em pouco tempo, se tornaria um dos maiores hospitais públicos do Brasil.

Santa Dulce dedicava-se cada dia à sua missão e, mesmo em estado de saúde precário, por causa de um problema pulmonar, não conseguia ficar longe dos pobres. Mais de vinte anos depois de sua páscoa para a vida eterna, temos um grande modelo de santidade, com carisma missionário e cuidadoso. Mulher corajosa, boa samaritana no meio em que viveu, Irmã Dulce é hoje para nós exemplo de fé, amor, cuidado com a vida e compromisso cristão com aqueles que mais necessitam.

1.1 O olhar da indiferença gera ameaças à vida

1.1.1 O olhar que abandona a vida das pessoas

*“É preciso que todos tenham fé e esperança em um futuro melhor.
O essencial é confiar em Deus. O amor constrói e solidifica.”
(Santa Dulce dos Pobres)*

A realidade mostra que será necessário empreender muitos esforços para que realmente a vida esteja em primeiro lugar. No Brasil, 22,6% das crianças e adolescentes com idade entre 0 e 14 anos vivem em situação de extrema pobreza, ou seja, 9,4 milhões de menores vivem com renda domiciliar *per capita* mensal inferior ou igual a um quarto de salário mínimo. Além disso, 2,5 milhões de crianças e adolescentes até 17 anos trabalham; 11,7 mil crianças e adolescentes foram vítimas de homicídios em 2017; mais de 3 milhões de domicílios estão em favelas; 16,4% das adolescentes são mães antes dos 19 anos. Também é alarmante o crescimento do número de pessoas desaparecidas.

A desigualdade é um triste distintivo da sociedade brasileira. Em 2017, o Brasil era o 9º país mais desigual do planeta em distribuição de renda. Em 2018, os 50% mais pobres da população brasileira sofreram uma retração de 3,5% nos seus rendimentos do trabalho, e os 10% mais ricos tiveram crescimento de quase 6%.

Segundo os Bispos da América Latina e Caribe, a globalização econômica tem contribuído para o surgimento de novos rostos de pobres cuja vida é desrespeitada e, constantemente, violada. A lista, composta em 2007, parece não ter sofrido alterações: “os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os toxicodependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas de prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem-terra e os mineiros” (DAp, n. 402).

O aborto é uma realidade que ameaça a vida das crianças desde o ventre materno. Vemos o desprezo pelo nascituro e pela sua dignidade em tantas tentativas de legislar a favor do aborto. A



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

criança torna-se vítima do cruel não reconhecimento do nascituro como pessoa, mas como objeto de descarte e fonte de lucro, como no uso de embriões para pesquisa. Da mesma forma, o desprezo pela vida se manifesta, também, por meio de projetos que querem regularizar a eutanásia e o suicídio assistido.

A defesa do inocente nascituro deve ser clara, firme e apaixonada, mas igualmente sagrada é a vida dos pobres que já nasceram e se debatem na miséria, no abandono, na exclusão, no tráfico de pessoas, na eutanásia, nas novas formas de escravatura e em todas as formas de descarte; também a realidade das milhares de crianças órfãs que perderam suas famílias, neste tempo de forte violência e migração forçada.

Outro cenário que agride a vida humana é o desemprego. No primeiro trimestre de 2019, a taxa de desemprego atingiu 12,7% da população; a população desocupada (13,4 milhões) cresceu 10,2% frente ao trimestre de outubro a dezembro de 2018. O número de pessoas desalentadas subiu 3,9% em relação ao trimestre de outubro a dezembro de 2018 e mais 5,6% em relação ao primeiro trimestre de 2018.

O Brasil é considerado o país mais ansioso e estressado da América Latina. Nos últimos dez anos, o número de pessoas com depressão aumentou 18,4%, correspondendo a 322 milhões de indivíduos, ou 4,4% da população da Terra. No Brasil, 5,8% dos habitantes sofrem com a depressão e quanto à ansiedade, o Brasil também lidera, com 9,3% da população; as mulheres sofrem mais com a ansiedade. Apesar da depressão atingir sujeitos de todas as idades, os fatores de risco se tornam maiores quando somados à pobreza, ao desemprego, à promiscuidade sexual, às mortes violentas, às crises de relacionamento, às doenças, o uso de álcool e de drogas ilícitas.

A automutilação é um fenômeno que tem crescido entre os jovens. A forma mais comum é fazer pequenos cortes na pele, mas a pessoa também pode se bater, se queimar, arrancar os cabelos, furar com agulhas ou praticar qualquer outra autolesão. Quem provoca tal agressão a si mesmo não busca a dor física pelo prazer de senti-la, o que em si já é problemático, mas é reflexo de uma incapacidade de lidar com seus próprios sentimentos, como angústias, medos, tristeza e conflitos. É uma troca da dor emocional pela dor física. Em muitos desses casos, a tristeza se apresenta como característica recorrente. Também o bullying, com atitudes agressivas físicas ou verbais, ferem a dignidade humana.

Em 2016, no Brasil, houve 11.433 mortes por suicídio (com predominância do enforcamento, intoxicação e arma de fogo). Os jovens, entre 15 e 29 anos, estão entre as maiores vítimas. Mortes violentas e por acidente de trânsito também são realidade que inspiram cuidado. Nos seis primeiros meses de 2018, os acidentes de trânsito provocaram 19.398 mortes e 20 mil casos de invalidez. As principais vítimas são homens de 18 a 65 anos e motociclistas. Os principais fatores são falta de educação no trânsito, desrespeito às leis de trânsito (30,3%) ou falta de atenção do condutor (23,4%).

No Brasil, os povos indígenas sofrem sucessivas agressões em seus territórios, culturas e vidas. Entre 2003 e 2018, ocorreram mais de 1200 assassinatos de indígenas. A falta de demarcação e proteção das terras indígenas agravam ainda mais a situação. Em função disso muitos povos continuam vivendo em uma condição de vulnerabilidade social, econômica, cultural e religiosa, em acampamentos de beira de estrada, em áreas degradadas ambientalmente ou em reservas superlotadas, com persistência da desassistência na área de saúde e aumento da disseminação de bebida alcoólica e outras drogas e desassistência na área de educação escolar indígenas.

Uma triste ameaça à vida é o aumento do feminicídio. Em 2017, 2.795 mulheres foram assassinadas, das quais 1.113 no Brasil. Já o Atlas da Violência 2018 apontou uma possível relação entre machismo e racismo, com aumento da taxa de assassinatos de mulheres negras.



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

Os conflitos no campo envolvem terra, água, trabalho, garimpo e violências contra a pessoa como assassinatos, ameaças, agressões, prisões. Tiveram um aumento de 4% em relação a 2017. Quase um milhão de pessoas foram envolvidas, 36% a mais que em 2017, sendo 51,6% na região Norte, onde também estão concentradas 92% de terras em conflito em 2018.

A extensão de terras em conflito vem crescendo. Em 2017, os conflitos chegaram a uma área de 37,0 milhões e, em 2018, a 39,4 milhões o que significa 4,6% do território nacional em disputa. Também os conflitos por água vêm crescendo desde 2002, com um aumento de 40,1%. Ribeirinhos e pescadores foram as maiores vítimas e metade desses conflitos foram causados por mineradoras.

Uma série de ameaças à vida está batendo em nossas portas, por intermédio dos meios de comunicação e das redes sociais, confundindo os cristãos, iludindo as famílias, atraindo os jovens para uma mentalidade permissiva disfarçada de progresso científico. São propostas que excluem as pessoas e descartam vidas inocentes: aborto, eutanásia, suicídio assistido, eugenia, tráfico de drogas, de pessoas e de órgãos.

As redes sociais, infelizmente, têm funcionado, em muitos casos, como uma caixa amplificadora que reverbera todos esses tipos de violência. A banalização da vida alcançou o mundo virtual por meio das *fake news*, dos perfis falsos e da disseminação de notícias caluniosas e raivosas. É preciso ficar atento, pois também nós corremos o risco de entrar na dinâmica perversa que atualmente atinge as redes sociais. Mesmo nos *media* católicos, é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia e parecendo excluir qualquer ética e respeito pela fama alheia. Às vezes, pretendendo defender outros mandamentos, ignora-se completamente o oitavo, não levantar falsos testemunho, e destrói-se sem piedade a imagem alheia.

Os vínculos comunitários, que identificam o ser humano como um ser de relações, são cada vez mais frágeis em uma organização social que incentiva o individualismo, chegando até o egoísmo. Isso coloca a pessoa em uma situação de competição, na qual vê-se o outro como adversário, como inimigo a ser abatido, e assim as relações de solidariedade e fraternidade vão se diluindo.

O individualismo marca de tal maneira as relações, que a vida corre o risco de ser vista não mais como Dom e Compromisso, mas como um peso ou como algo de que a pessoa possa dispor a seu bel prazer. Há uma crescente mercantilização da vida, em que o ser humano passa a ser avaliado pelo que produz e pelo que consome. Dessa forma relativizam-se ou, simplesmente, ignoram-se os direitos humanos, abrindo brecha para o perverso caminho da intolerância política, religiosa e cultural, raiz de fundamentalismos, de preconceitos e de discriminações.

Está em curso a mais profunda transição demográfica da história rumo ao envelhecimento da população. A alta letalidade de jovens gera fortes implicações, inclusive sobre o desenvolvimento econômico e social, ocorrendo também aumento da violência letal contra públicos específicos.

Observa-se uma forte banalização da vida, com uma mentalidade que assume com naturalidade a relativização da existência, o enfraquecimento do conceito de pessoa e até a justificativa legal de modalidade de homicídios e extermínios humanos, sob a alegação de conquista de direitos. Nesse sentido, assume maior importância o papel do Estado como guardião da vida. Atualmente, há uma transformação na concepção do Estado, cujas preocupações parecem estar mais voltadas para o aspecto econômico do que para os cuidados com as pessoas. O Estado tem indispensavelmente uma função social a ser cumprida no hoje da história, com um efetivo equilíbrio entre as questões econômicas e as sociais.

O Estado cuida da vida quando promove ações específicas, políticas públicas em favor da vida, mas quando o Estado se omite, ele se equipara àqueles que promovem a morte como nos casos de guerra. A incapacidade do Estado de frear a violência contribui para a banalização do mal, na medida em que grupos de extermínio determinam os que devem viver ou morrer. Os poderes paralelos são



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

fortalecidos por um Estado distante e acuado. Ainda mais grave é a concepção daqueles que nutrem uma visão na qual o extermínio do outro soa como alívio.

É a vida agredida nas mais diversas formas, desde a fecundação até a morte natural. É a forte crise de sentido, que gera desesperança, esgotamento existencial, depressão, chegando até o suicídio, uma realidade da qual ninguém está isento, nem mesmo ministros religiosos.

1.1.2. O olhar que destrói a natureza

“O que fazer para mudar o mundo? Amar. O amor pode, sim, vencer o egoísmo”
(Santa Dulce dos Pobres)

Nos últimos anos vem crescendo a consciência de que, articulada com o desrespeito ao ser humano, encontra-se a agressão à natureza. Quando falamos de meio ambiente, fazemos referência à relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isso nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos. Dada a amplitude das mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental.

Só podemos falar de autêntico progresso quando há melhoria global na qualidade da vida humana. Para isso é necessário ter atenção para com o todo da vida, incluindo os ambientes em que vivem as pessoas. O domínio da economia, que retira o olhar para a pessoa do centro, orientando-se por outros interesses, é o motor da desigualdade social que agride a vida, não só do ser humano, mas de todo o planeta, modificando nossa Casa Comum.

Tanto a extinção de espécies quanto os desequilíbrios climáticos apresentam forte ligação com a exploração desordenada e com o aumento da poluição. Em ambos os casos e em diversos outros semelhantes Brasil afora, o dano ecológico e humano é incalculável, modificando a biodiversidade e deixando milhares de pessoas sem seu sustento por causa da contaminação do solo e das águas.

Ao lado da mineração, questiona-se também a relação desrespeitosa e danosa com nossa Casa Comum e com a vida humana, de outras atividades econômicas, como emprego de agrotóxicos por alguns tipos de agronegócio e monoculturas. O Brasil é campeão mundial no uso de pesticidas na agricultura. O feijão, base da alimentação brasileira, tem um nível permitido de resíduo de malationa (inseticida) que é 400 vezes maior do que aquele permitido pela União Europeia. Na água potável brasileira, permite-se 5 mil vezes mais resíduo do herbicida glifosato. Na soja, podemos encontrar até 200 vezes mais resíduos do mesmo glifosato. Além da contaminação de alimentos e dos cursos d'água, a extensa exposição causa mortes e suicídios.

O olhar que destrói a natureza nasce da incapacidade de percebê-la em sua singularidade, como mãe que cuida e a quem devemos cuidar.

1.1.3. O olhar da indiferença exclui a vida

“No amor e na fé encontraremos as forças necessárias para a nossa missão”
Santa Dulce dos Pobres

Essas formas de sofrimentos mostram que a vida é continuamente agredida e é confrontada com uma mentalidade que insiste em colocar o lucro acima das pessoas e da dignidade humana. O



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

mercado, ídolo que seduz a um consumismo desenfreado, atropela a vida dos mais pobres. Com isso cresce a indiferença com a situação dos mais frágeis e se desenvolve a cultura da invisibilidade e do descartável.

Junto à indiferença, sentimo-nos diante de um outro inimigo que tem crescido em nossos dias: o ódio. A indiferença e o ódio, em todas as suas formas, paralisam e impedem que se faça o que é justo até mesmo quando se sabe que é justo. Nenhuma família, nenhum grupo de vizinhos, nenhuma etnia e, muito menos, nenhum país terão futuro se o motor que os une e encobre as diferenças for a vingança e o ódio.

São João Paulo II, na Encíclica *Evangelium Vitae* retoma as palavras do Concílio Vaticano II para descrever as ameaças sofridas pela vida humana: Tudo o que se opõe à vida, que viola a integridade da pessoa humana, ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humanas, as condições degradantes de trabalho. Todas essas coisas e outras semelhantes são infamantes; ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador.

Ainda hoje constatamos que esse panorama inquietante, longe de diminuir, tem vindo a dilatar-se: com as perspectivas abertas pelo progresso científico e tecnológico nascem outras formas de atentados à dignidade do ser humano; também amplos setores da opinião pública justificam alguns crimes contra a vida em nome dos direitos da liberdade individual.

Estaremos marcados para conviver, de modo definitivo, com a indiferença e o ódio? Para superar o vírus da indiferença, é urgente educar as jovens gerações para que participem ativamente na luta contra os ódios e as discriminações. A Campanha da Fraternidade deseja fermentar uma cultura do cuidado, da responsabilidade, da memória e da proximidade, estabelecendo uma aliança contra todo tipo de indiferença e ódio.

1.1.4. O olhar da solidariedade social

“O corpo é um templo sagrado. A mente, o altar. Então, devemos cuidá-los com o maior zelo. Corpo e mente são o reflexo da nossa alma, a forma como nos apresentamos ao mundo e um cartão de visitas para o nosso encontro com Deus.” (Santa Dulce dos Pobres)

O olhar da fé deve também identificar luzes, lembrando o testemunho de quem defende a vida atuando nas diversas entidades e organizações comprometidas com a vida. Com esperança, vemos surgirem serviços de escuta, de ajuda na vitória sobre formas de agressão à vida, experiências de visitas missionárias a famílias e pessoas em situação de rua. Também há histórias de pessoas que superam a fragilidade da vida, realçando a beleza e a alegria de viver, como os pais que acolhem com amor os filhos com deficiência.

É incontável o número de pessoas que, pública ou anonimamente, dedicam sua existência a promover e defender a vida: 74 mil voluntários da Pastoral da Criança que atendem mais de 800 mil crianças; agentes das Pastorais da Saúde, Carcerária, Povo da Rua, do Menor; os grupos que dão suporte a pais e mães que passaram pelo trauma de abortar; Pastoral da Sobriedade e da Pessoa Idosa e em tantas ações das 26 Pastorais sociais da Igreja no Brasil, que promovem e cuidam da dignidade da vida humana.

Também os jovens de todo o Setor da Juventude, que levam adiante a campanha contra a violência e o extermínio dos jovens; a Pastoral da AIDS e da Mulher Marginalizada, a Pastoral Familiar, os catequistas, os movimentos, entidades, novas comunidades, organismos que se organizam para atender os pobres e aos marginalizados.



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

No campo e nas terras indígenas, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) se colocam na defesa da vida ameaçada. Também a dedicação e o exemplo de Bispos, presbíteros, diáconos, consagrados e consagradas, cristãos leigos e leigas que dão testemunho do Evangelho da vida em situações desafiadoras que ameaçam a vida e a dignidade humanas.

Papa Francisco, falando aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares, exorta a ter os pés na lama e as mãos na carne, para que a voz seja ouvida, a qual, normalmente, é pouco escutada. *Talvez porque o grito incomode, talvez porque se tenha medo da mudança que pretendeis.*

1.1.5. Qual será o nosso olhar?

“Se Deus viesse à nossa porta, como seria recebido? Aquele que bate à nossa porta, em busca de conforto para a sua dor, para o seu sofrimento, é um outro Cristo que nos procura”.
(Santa Dulce dos Pobres)

Essas luzes e sombras remetem ao desafio do que será o amanhã? E o que é hoje? Tais perguntas remetem ao compromisso por um olhar solidário de respeito e cuidado com a vida. É necessária uma ética do cuidado que, valorizando as luzes, passe a olhar com responsabilidade e compromisso todas as criaturas. Devemos assumir o olhar solidário capaz de cuidar, como modo de ser no mundo, nos permite ir além do egoísmo e da indiferença, gerando um laço de amor, como nos diz o poema “Não sei” de Cora Coralina:

Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós, mas, sei que nada do que vivemos tem sentido se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser: o colo que acolhe, o braço que envolve, a palavra que conforta, o silêncio que respeita, a alegria que contagia, a lágrima que corre, o olhar que acaricia, o desejo que sacia, o amor que promove.

*E isso não é coisa do outro mundo, é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais,
Mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto ela durar.*

II PARTE – “Viu, SENTIU COMPAIXÃO, e cuidou dele” (Lc 10,33-24)

2. Compaixão de Jesus – romper com a indiferença

“O importante é fazer a caridade, não falar de caridade. Compreender o trabalho em favor dos necessitados como missão escolhida por Deus”.
(Santa Dulce dos Pobres)

Se, por um lado, o olhar da indiferença gera tanto mal, da compaixão pode fecundar o bem no coração humano, e conferir o verdadeiro sentido à vida. Na parábola do Bom Samaritano, Jesus nos ensinou o olhar daquele que se compromete com o outro. O olhar da compaixão gera um “permanecer com”, uma presença que salvaguarda, cuida e transforma a vida de quem mais precisa.

Não se trata apenas de um olhar de comiseração ou de dó, mas sim, de um olhar compassivo que reconhece a dignidade de cada um e procura resgatar a imagem e semelhança no rosto de homens



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

e mulheres desfigurados pelo pecado (Gn 1,26). Esse é o olhar de Deus manifestado em Jesus Cristo. O olhar de Jesus é revelador do olhar Trinitário, de um Deus que gera vida e amor.

Somos chamados a iluminar nosso olhar com o olhar do Cristo, que, do alto do madeiro, viu e perdoou todos os pecados e nos salvou por sua misericórdia. Esse novo olhar precisa gerar e promover a vida, defendê-la e dela cuidar desde a fecundação até a plenitude. O Espírito Santo, Senhor que dá a vida, é o auxílio que garante a continuidade do olhar de Cristo no nosso olhar e nos impulsiona a ver a dignidade humana e de toda obra da criação.

Em uma época na qual a indiferença vai tomando conta das consciências e dos corações, a Quaresma se mostra como tempo importante para a reflexão sobre a misericórdia e a compaixão. Para o Papa Francisco, a parábola do Bom Samaritano é uma dádiva maravilhosa, mas também é um compromisso: “A cada um de nós, Jesus repete aquilo que disse ao doutor da Lei: Vai e também tu faz o mesmo!”. A centralidade dessa parábola está no versículo 33: “encheu-se de compaixão”, ou seja, o seu coração, as suas vísceras se comoveram! Eis a diferença, os outros dois viram, mas os seus corações permaneceram fechados, insensíveis. A compaixão, quer dizer ‘padecer com’, é uma característica essencial da misericórdia de Deus, que tem compaixão de nós. Nos gestos e ações do bom samaritano, reconhecemos o agir misericordioso de Deus em toda a história da salvação.

Acolher essa proposta de vida cristã exige uma autêntica resposta às seguintes perguntas: Estou disposto a fazer o mesmo? Quero concretizar para os irmãos e irmãs a mesma compaixão e cuidado que o Senhor tem para comigo? Estou disposto a não ignorar ninguém que me pede ajuda? Se cada um de nós não se fizer essas perguntas pelo menos uma vez na vida, não poderá dizer que tem fé.

Quem ama viu a Deus, porque Deus é amor (1Jo 4,7-16). Fomos criados pelo Amor e para o amor. Nossa vida assume sentido quando abrimos nosso coração ao outro. O que acontece com uma sociedade em que o egoísmo, o individualismo, o consumismo, a indiferença e o ódio tendem a predominar? Será que precisaremos de muitas provas para concluir que pessoas egoístas e sociedade indiferente constroem sombras e mortes?

Somos discípulos e amigos do Ressuscitado (Jo 15,15)! Estamos a serviço da Vida! Por isso, não nos fechamos em nós mesmos. A Páscoa nos ensina a, por Cristo, com Cristo e em Cristo, romper os túmulos da indiferença e do ódio e ressurgir para o zelo, o cuidado e a solidariedade. Fracos com os fracos (1Cor 9,22) levamos alimento noturno para quem vive nas ruas e, diante deles, não reconhecemos seus rostos à luz do dia; entramos nas cadeias, separando o pecado do pecador; limpamos feridas que o pecado e a ganância desprezam; buscamos terra e direitos defendendo os pequenos; estamos ao lado de crianças, jovens, adultos e idosos, em suas alegrias e dores. Consolados por Cristo, encontramos, no mais profundo de nós mesmos, a nossa vocação humana e divina de consolar os que se acham em alguma tribulação.

Sentir nas vísceras a dor do outro é muito mais do que ter dó. Significa comprometer-se com ele, sem medo de aproximar e identificar-se com o próprio amor de Deus para conosco: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (1Jo 13,34). O samaritano agiu com verdadeira misericórdia e foi capaz de assumir a dor do outro provendo tudo o que lhe era necessário. Na compaixão não há incertezas, não se titubeia, não existe indiferença, pois trata-se de ter, em nós, os mesmos sentimentos de Cristo (Fl 2,5).



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

2.1. Compaixão é ter mais coração nas mãos

“Se houvesse mais amor, o mundo seria outro; se nós amássemos mais, haveria menos guerra. Tudo está resumido nisto: Dê o máximo de si em favor do seu irmão, E, assim sendo, haverá paz na terra”.

(Santa Dulce dos Pobres)

Na história da Igreja temos exemplos de homens e mulheres que, pelo encontro com Jesus Cristo, testemunharam o verdadeiro sentido da compaixão. Um grande exemplo de compaixão na doença é de São Camilo de Lellis. O Papa Francisco recorda que, a fragilidade, a dor e a doença são uma provação difícil para todos, até para o pessoal médico, são um apelo à paciência, ao ‘sofrer com’, não podendo ceder à tentação funcional de aplicar soluções rápidas e drásticas, movidas por falsa compaixão ou critérios de eficiência e de preservação econômica.

O coração compassivo de São Camilo

São Camilo de Lellis nasceu em Buquiânico, Itália, em 25 de maio 1550. O nascimento de Camilo foi considerado um milagre, pois seus pais eram de idade avançada. Camilo seguiu a carreira militar do pai; viveu sob condições financeiras precárias e entregou-se aos prazeres e aos vícios do mundo. Adquiriu também uma dolorosa úlcera no pé e foi acolhido no convento dos Capuchinhos, onde passou a trabalhar. Um dia cai do animal que o transportava e, em um momento de profundo arrependimento, se converte a Deus; era o dia 2 de fevereiro de 1575. Camilo parte, então, para o Hospital São Tiago, em Roma, onde passa a cuidar dos doentes. Compreende a missão que Deus queria para sua vida: servir os enfermos como se fossem o próprio Cristo. Torna-se sacerdote e organiza uma companhia de homens de boa vontade que querem doar suas vidas nos cuidados dos doentes, na Ordem dos Ministros dos Enfermos. Camilo morre em 14 de julho de 1641. Foi canonizado em 1746, como padroeiro dos doentes, hospitais e profissionais da saúde.

Quem ama não julga, não acusa, não divide! Quem ama, cuida, acolhe, integra. Quem ama dialoga, suporta, se compadece. O egoísta e prepotente, cujo alcance da visão e do coração é ele mesmo, julga o mundo a partir de si, esquecendo-se de que seu olhar está embaçado pelo pecado.

“Mas é nocivo e ideológico também o erro das pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo de superficial. (...) não podemos propor um ideal de santidade que ignore a injustiça deste mundo.” (GeE, 101) Nossas mãos não podem estar fechadas para socar. Elas têm de estar abertas para apoiar. Não podem ser mãos fechadas para agredir. Devem ser mãos unidas para cuidar. Precisamos aprender a contemplar a casa comum e perceber que toda a criação é um hino à comunhão, à harmonia e à fraternidade.

2.2. Compaixão é ter mais justiça no coração

“Habitue-se a ouvir a voz do seu coração. É através dele que Deus fala conosco e nos dá a força de que necessitamos para seguirmos em frente, vencendo os obstáculos que surgem na nossa estrada”

(Santa Dulce dos Pobres)

Na encíclica *Dives in Misericórdia*, São João Paulo II afirma que “Jesus revelou, sobretudo com o seu estilo de vida e com as suas ações, como está presente o amor no mundo em que vivemos”. Tal amor transparece especialmente no contato com o sofrimento, injustiça e pobreza. O modo e o âmbito em que se manifesta o amor são chamados na linguagem bíblica ‘misericórdia’.



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

O Antigo Testamento ensina que, embora a justiça no homem seja autêntica virtude e em Deus signifique perfeição transcendente, o amor deve ser maior que a própria justiça. A justiça serve à caridade, pois o amor-caridade (Ágape) é a forma mais plena de justiça. E o primado e a superioridade do amor em relação à justiça - ponto característico de toda a revelação – manifestam-se precisamente pela misericórdia.

A justiça divina revelada na cruz de Cristo é a medida de Deus, porque nasce do amor e se realiza no amor, produzindo frutos de salvação. A dimensão divina da Redenção não se verifica somente em ter feito justiça ao pecado, mas também no fato de ter restituído ao amor uma nova força criativa, graças à qual o homem tem novamente acesso à plenitude de vida e de santidade que provém de Deus. O mistério pascal é o ponto culminante da revelação e da atuação da misericórdia, capaz de justificar o homem e restabelecer a justiça como realização do desígnio salvífico de Deus.

Hoje se tem falado muito sobre o sentido da justiça, pondo em relevo tudo o que se opõe a ela. Essa corrente profunda e multiforme, em cuja base a consciência humana contemporânea situou a justiça, atesta o caráter ético das tensões e das lutas que avassalam o mundo.

Um dos grandes desafios para o nosso tempo é definir o que se entende por justiça. Entre as diferentes compreensões, o ponto em comum reside no fato de que se deva dar a alguém aquilo que ele merece. Diferem, entretanto, as compreensões ao especificar o que é merecido. Na maioria das vezes trata-se daquilo que pode ser retribuído. Não se trata de um conceito errado de justiça, mas ele é incompleto, porque deixa de fora os seres humanos que, de algum modo, não podem retribuir: os pobres, os pecadores e os inimigos.

Todos somos filhos do mesmo Deus que faz chover sobre maus e bons (Mt 5,45). Em Jesus, justiça e misericórdia, não se contrapõem, mas complementam-se, ampliam-se. O dono da vinha (Mt 20,1-11) paga por igual, não porque os trabalhadores renderam por igual, mas porque todos são humanos e, por isso, são iguais. A justa misericórdia, ou a misericordiosa justiça de Deus, ultrapassa qualquer situação para ver a pessoa que ali está e dela cuidar.

A misericórdia é a mais perfeita motivação da igualdade entre os seres humanos, e a motivação mais perfeita da justiça. Essa igual dignidade de todos os seres humanos, mediante a justiça misericordiosa, não elimina as diferenças. Valorizando as diferenças, convida à comunhão e ao cuidado mútuo. Aquele que dá torna-se mais generoso quando se sente recompensado por aquele que recebe o seu dom.

A justiça misericordiosamente entendida se concretiza no perdão. Em passagem alguma do Evangelho, encontramos o perdão significando aceitação do mal. A reparação do mal ou do escândalo, a compensação do prejuízo causado e a satisfação da ofensa são consequências do perdão. Ele é sempre a mais ampla manifestação da amorosa graça de Deus. Uma vez perdoado, o coração humano não se cansa de, também ele, transbordar em perdão. Por isso, podemos falar em reparação.

A estrutura fundamental da justiça é sempre penetrada pela misericórdia, a qual confere à justiça um conteúdo do novo, expresso no perdão. O perdão manifesta que, além do processo de compensação e de tregua, característico da justiça, é necessário também o amor para que o homem se afirme como tal.

O cumprimento das condições da justiça é indispensável, sobretudo para que o amor possa revelar a sua própria fisionomia. Na parábola do filho pródigo, aquele que perdoa e o que é perdoado se encontram em um ponto essencial, que é a dignidade; isto é, o valor essencial do ser humano. A Igreja considera como missão assegurar a autenticidade do perdão, guardando a sua fonte, isto é, o mistério da misericórdia de Deus, revelado em Jesus Cristo.

A compaixão sentida nas vísceras não é um sentimento qualquer. O coração compassivo vai até as raízes da dor e do sofrimento do outro. O Papa Francisco nos adverte sobre a profunda ligação



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

entre compaixão e justiça: A compaixão é um caminho privilegiado também para edificar a justiça, porque colocarmo-nos na situação do outro, não somente nos permite encontrar as suas fadigas, mas também descobrir a sua dignidade. A dignidade humana é o fundamento da justiça, enquanto a descoberta do valor inestimável de cada homem é a força que nos estimula a superar as desigualdades com entusiasmo e abnegação.

A CF 2020 nos convida a uma conversão pessoal, comunitária, social e conceitual, em relação à justiça que nutrimos. O Papa Francisco aponta as desigualdades sociais como raiz de muitos males que desumanizam e desfiguram a dignidade do homem e da mulher. Se não focarmos na busca de soluções para esse mal que atinge os mais fracos, jamais viveremos a verdadeira justiça e compaixão que transformam e reconstróem a dignidade perdida pelo pecado encrustado nos corações e pelas injustiças sociais.

A necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza não pode esperar. Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social não se resolverão os problemas do mundo. A desigualdade é a raiz dos males sociais.

A missão do discípulo missionário de Jesus Cristo é revelar ao mundo o rosto da misericórdia. É edificar a justiça e viver a compaixão. Trata de um ato de fé e um exercício que passa pela organização comunitária e social que não pode ser confundido como algo meramente assistencialista.

A justiça misericordiosa mostra-se particularmente importante no contexto atual, em que o valor da pessoa, da sua dignidade e dos seus direitos são seriamente ameaçados pela generalizada tendência a recorrer exclusivamente aos critérios da utilidade e da posse. Justiça não é uma simples convenção humana porque o que é justo não pode ser determinado apenas pela correlação de forças sociais nem pela capacidade de impor sobre os outros. Justiça é o encontro de todos, um ideal que começa nesta vida e prolonga-se até a eternidade.

A plena verdade sobre o homem permite superar a limitada visão contratualista da justiça e se abre para compreendê-la no horizonte da solidariedade e do amor. Ao conceito de justiça a Doutrina Social da Igreja associa o valor da solidariedade, enquanto via privilegiada para a construção da paz. O autêntico justo é misericordioso, solidário e capaz de cuidar. Ele exerce sua justiça mediante o cuidado, o zelo, pelo outros e pela Casa Comum!

2.3. A caridade: o verdadeiro sentido da vida

Somente a caridade pode animar e modificar o agir social no contexto de um mundo cada vez mais complexo; não só como inspiradora da ação individual, mas também, como força capaz de suscitar novas vias de enfrentamento dos problemas do mundo, tornando-se assim caridade social: a caridade social nos leva a amar o bem comum e a buscar efetivamente o bem de todas as pessoas.

Na tradição cristã, a justiça jamais estará desvinculada da caridade. A justiça é samaritana, sempre capaz de cuidar independente das condições em que se encontra aquele que está à beira do caminho. A contribuição cristã mais característica a serviço da vida e de tantos que necessitam descobrir o sentido da existência é, em uma palavra, o amor. O amor – caritas – será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa.

A caridade se expressa no empenho e na atuação política dos cristãos e das Comunidades Eclesiais Missionárias. A boa política é um meio privilegiado para promover a paz e os direitos humanos fundamentais. A caridade, portanto, é o princípio não só das microrrelações, mas também das macrorrelações.



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

Verdadeira caridade é também ofertar um coração capaz de escutar o outro. O aspecto organizativo é fundamental para prestar os cuidados devidos, mas é também necessário que nunca venham a faltar as dimensões da escuta, do acompanhamento e do apoio à pessoa. Antes de tudo, o samaritano ‘vê’, apercebe-se e ‘sente compaixão’ pelo homem despojado e ferido; isso indica a predisposição para entrar no problema, na situação do outro. Mesmo se o homem não pode igualar a compaixão de Deus, pode, contudo, imitá-la ‘fazendo-se próximo’, ‘cuidando dele’.

Uma Igreja samaritana, sinal e expressão da caridade de Cristo, vê além das aparências e para além das circunstâncias. Em todo tempo, é tempo de fazer o bem. Para quem vive o mandamento do amor *caritas*, sempre é tempo de cuidar.

Tendo na caridade o verdadeiro sentido da vida, no itinerário de conversão que a Quaresma nos convida, é urgente que, em nossas ações, possamos promover o diálogo entre irmãos, o qual também é fraternalmente estabelecido a partir do encontro, numa cultura do encontro. O Evangelho nos convida sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física, com o seu sofrimento e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa. Na sua Encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revelação da ternura.

Amar o próximo no plano social significa, de acordo com as situações, valer-se das mediações sociais para melhorar sua vida ou remover os fatores sociais que causam a sua indignidade. Sem dúvida alguma, é um ato de caridade a obra de misericórdia com que se responde aqui e agora a uma necessidade real que impele ao próximo, mas é igualmente um ato de caridade indispensável o empenho com vistas a organizar e estruturar a sociedade de modo que a próxima não venha a se encontrar na miséria.

É preciso redescobrir o valor e a beleza do conteúdo cristão da justiça. Entre tantas outras formas de compreendê-la, destacam-se as concepções retributiva e restaurativa. Sob o olhar retributivo, a justiça é vista como merecimento, uma retribuição à altura diante do delito cometido. Jesus avançou, pois Ele não se limitou a retribuir, mas Ele restaurou. Compreender a justiça no horizonte restaurativo é estabelecer uma nova compreensão sobre a pessoa que errou e sobre o conflito. Temos assim uma perspectiva não meramente punitiva, mas, em vista da reparação dos danos provocados e do restabelecimento dos laços sociais entre os envolvidos, torna-se uma alternativa ao sistema predominantemente retributivo, na prática punitiva, com poucos resultados quanto à sua eficácia.

Na parábola dos trabalhadores (Mt 20,1-11) encontramos um exemplo de justiça restaurativa. Todos receberam o mesmo valor pelo serviço prestado, pois para o dono da vinha as pessoas não são classificadas em razão do que podem render, mas são classificadas a partir de um amor que é graça radical e que as considera, simplesmente, porque elas existem.

Cuidar da vida, ser justo, é, acima de tudo, ter um coração misericordioso. É possível que alguém pense que a justiça misericordiosa é idílica, é irreal. A Quaresma, no entanto, é um tempo propício para discernirmos se, de fato, estamos diante de uma fantasia ou em face ao sentido mais profundo do nosso existir. A justiça misericordiosa está na nossa origem e no nosso destino, pois fomos criados por um amor gratuito. Um dos grandes desafios da humanidade consiste em traduzir a concepção misericordiosa de justiça em estruturas jurídicas e políticas, na construção de uma verdadeira democracia. Essa responsabilidade é de todos os cidadãos, pois o Deus de misericórdia a todos equipara com a mesma graça para contribuírem, a partir das suas aptidões, em vista do bem comum, para que se descubram caminhos eficazes de edificação da democracia.

Segundo Papa Francisco, um sistema político-econômico precisa garantir que a democracia não seja somente nominal, mas também marcada por ações concretas que velem pela dignidade de todos os cidadãos. Isso exige esforços por parte das autoridades para reduzir a distância entre o reconhecimento jurídico e a sua prática. “Não existe democracia com fome, desenvolvimento com



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

pobreza nem justiça com iniquidade.” “Os direitos sociais não podem ser somente exortativos ou apelativos nominais, mas farol e bússola para o caminho”. Nesse cenário, os setores populares não são um problema, mas parte ativa do rosto de nossas comunidades, e têm todo o direito de participar na busca e construção de soluções inclusivas. É importante formar os operadores da justiça e do direito, para que possam estar em contato com as realidades a quem um dia servirão, conhecendo e compreendendo as injustiças contra as quais um dia terão de combater.

Os operadores do direito e da justiça são protagonistas na transformação do sistema judicial baseado no valor, na justiça e na primazia da dignidade da pessoa humana sobre qualquer outro interesse. Que sejamos promotores da justiça do Reino, expressa em atitudes que iniciem processos de perdão e reconciliação e que contribuam com a restauração da vida humana.

Entre muitas histórias de valorização da vida e de superação da miséria e da fome, temos o exemplo da Dra. Zilda Arns. Para ela viver a compaixão é ter mais justiça no coração e essa justiça é compreendida já no coração dos mais pequeninos.

Uma mulher de coragem!

Dra. Zilda viveu para defender e promover as crianças, gestantes e idosos. Sempre aliou o conhecimento científico ao conhecimento e à cultura populares; valorizou o papel da mulher, mobilizou a todos, pobres e ricos, analfabetos e doutores, na busca da Vida. Morreu no dia 12 de janeiro de 2010 no terremoto que devastou o Haiti. Buscando a vida em abundância, fundou e coordenou a Pastoral da Criança e Pastoral da Pessoa Idosa.

2.4. Cuidar é ter mais ternura na vida

Outro modo de traduzir para os nossos tempos o afeto que o Senhor sente por nós se apresenta por meio da ternura. Ela pode concretizar precisamente o nosso modo de acolher hoje a misericórdia divina. A ternura revela-nos, ao lado do rosto paterno e o rosto materno de Deus. Ternura é uma palavra benéfica, é o antídoto do medo em relação a Deus, porque no amor não há temor, porque a confiança vence o medo. Portanto, sentirmo-nos amados significa aprender a confiar em Deus.

Quando o ser humano se sente amado, sente-se estimulado a amar e a cuidar. Se Deus é ternura infinita, também o ser humano, criado à sua imagem, é capaz de ternura. Então a ternura, longe de ser apenas sentimentalismo, é o primeiro passo para superar o fechamento em si mesmo, para sair do egocentrismo que deturpa a liberdade humana.

Sentir compaixão e cuidar com ternura é reacender a chama de uma vida; é reconstituir uma história; é aquecer um coração desesperado; é iluminar quem está na escuridão; é abrir os braços para quem precisa de um abraço; é fazer-se presente onde ninguém deseja estar ou queira ficar.

Não é possível falar de cuidado sem falar de ternura. Ambos são centelhas do amor divino que experimentamos quando saímos de nós mesmos e vamos ao encontro dos outros. Precisamos estar atentos para não perder a graça que todos os dias passa por nós e nos convida a viver o cuidado e a ternura.

Quem cuida não deixa de sofrer diante do sofrimento, diante dos sofredores. O coração do cuidador, repleto de ternura, é um coração sofrido e, por isso mesmo, indignado quando percebe que o sofrimento poderia ser facilmente evitado. A igreja em saída, caminhando entre as periferias existenciais, não se incomodando em sujar os pés com as poeiras do mundo, sabe que, em hipótese alguma, pode perder a ternura. Se algumas vezes o profeta experimenta uma ira santa (Sl 59,13), ele saberá, pela graça do Deus que se rebaixa, do Deus que alimenta e cuida, levantar-se e continuar caminhando em ternura, esperança e missão (1Rs 19,9-18).



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

Quem viveu com intensidade essas virtudes foi Santa Dulce dos Pobres. Sua peregrinação pelas ruas da cidade, encontrando pobres e desamparados, demonstra claramente como age um coração cuidador e cheio de ternura sintonizado com Deus. É um esvaziar-se de si mesmo para deixar Deus preencher todo o nosso vazio com a abundância da sua graça, que nos impulsiona a ir ao encontro dos mais fragilizados. Santa Dulce pulsava a ternura divina no seu coração e se compadecia com a dor do rosto de Deus no rosto humano.

Os pés, as mãos, os olhos e o sentimento de um coração cuidador se confundem com os pés, as mãos, os olhos e as dores daquele que sofre, tamanha é a configuração entre cuidado e ternura. Dizia Santa Dulce: “Se Deus viesse à nossa porta, como seria recebido? Aquele que bate à nossa porta, em busca de conforto para sua dor, para o seu sofrimento, é um outro Cristo que nos procura.”

A ternura nos torna mais abertos a aceitar os outros. Uma vida que é movida e impulsionada pela ternura não tem medo de enfrentar a escuridão dos erros e dos pecados, pois, pela misericórdia de Deus, ultrapassa essa escuridão e encontra a pessoa, como Deus a sonhou. Para Santa Dulce, “No coração de cada homem, por mais violento que seja, há sempre uma semente de amor prestes a brotar”.

A fonte de toda ternura não está em nós. Deus é a fonte de todo bem e de toda ternura. Mesmo nas situações mais difíceis da vida, Ele se revela presente e transforma as situações mais difíceis em grandes oportunidades de aprendizado, por meio das quais amadurecemos e nos tornamos melhores, mais afáveis, mais ternos. Dizia Santa Dulce: “Habitue-se a ouvir a voz do seu coração. É através dele que Deus fala conosco e nos dá a força que necessitamos para seguirmos em frente, vencendo os obstáculos que surgem na nossa estrada”.

2.5. A boa-nova do cuidado da vida

O Evangelho da vida encontra eco profundo e persuasivo no coração de cada pessoa. Mesmo entre dificuldades e incertezas, todo o ser humano sinceramente aberto à verdade e ao bem pode, pela luz da razão e com o secreto influxo da graça, chegar a reconhecer, na lei natural inscrita no coração, o valor sagrado da vida humana.

Em cada tempo, a Igreja discerne os sofrimentos mais agudos e se faz presente junto aos que padecem. São João Paulo II convidou-nos a considerar que, às antigas formas de pobreza e de miséria, se juntaram novas formas, como o “desespero da falta de sentido, a tentação da droga, a solidão na velhice ou na doença, a marginalização ou discriminação social”. A partir disso, indicou consequentemente a relação entre a atuação cristã e fé. É hora de uma nova ‘fantasia da caridade’, que se manifeste não só – nem sobretudo – na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna.

A noção bíblica de *imagem de Deus* é o ponto de referência mais importante para a rica história do Magistério sobre o tema da vida humana. Sua tradução para a cultura greco-romana se deu por meio do conceito de *pessoa*, que é uma das contribuições mais importantes do cristianismo para a cultura humana em geral.

Entre a Escritura e o Magistério recente, toda a tradição cristã, com unanimidade, propõe e defende a dignidade e a inviolabilidade da vida e da liberdade humana opondo-se, muitas vezes, a costumes profundamente arraigados em certas culturas. Sua posição em favor da vida e da liberdade muitas vezes levou cristãos a sofrer, custando perseguições de vários tipos. Entre os escritos cristãos mais antigos, ensina a *Didaqué*: “Tu não matarás, mediante o aborto, o fruto do seio; e não farás perecer



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

a criança já nascida” e a *Epístola a Diogneto*: “Eles [os cristãos] procriam filhos, mas não eliminam nunca os fetos”.

Em todos os lugares em que está presente, a Igreja ensina com clareza e defende com vigor esses altíssimos valores. Isso porque considera que uma civilização só se constrói e se mantém sobre eles, como as únicas bases realmente sólidas e duráveis. Não apenas defende, mas também cria instituições para a promoção e a defesa desses valores. Ao longo de sua história, é pioneira na criação de escolas, hospitais, abrigos para órfãos e anciãos desamparados.

2.6. Ecologia integral

A Igreja, evocando a *urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade*, nas relações entre os países como também individualmente entre as pessoas, indica como fundamento a convicção segundo a qual Deus oferece a todos o ambiente natural e, em decorrência, o gozo desse bem aplica responsabilidade pessoal frente a toda humanidade, particularmente frente aos pobres e às gerações futuras. Trata-se de uma verdadeira responsabilidade pela criação, protegendo as pessoas de destruírem a si mesmas. Quando a ecologia humana é respeitada dentro da sociedade, beneficia-se também a ecologia ambiental.

O compromisso para superar problemas como fome e insegurança alimentar, persistente desconforto social e econômico, degradação do ecossistema e “cultura do desperdício” requer uma renovação da visão ética, que saiba colocar no centro as pessoas, com o objetivo de não deixar ninguém à margem da vida.

A inclusão da noção da ecologia integral na Doutrina Social da Igreja, de modo articulado e orgânico, é uma das grandes contribuições do Papa Francisco. Com a Encíclica *Laudato Si'*. Esse ensinamento se articula tendo por base a dignidade da vida, em particular da vida humana, recordando que o desenvolvimento de uma ecologia integral é tanto um chamado como um dever.

A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, reflete-se em um equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida. Muitas pessoas experimentam um desequilíbrio profundo, que as impele a fazer as coisas a toda velocidade para se sentirem ocupadas. Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia.

Quando nos permitimos parar e observar a natureza, damos conta da beleza da criação. Nosso pensamento se volta, então, para aqueles que fazem da defesa e proteção da natureza uma de suas maiores causas na vida, como os povos originários a cuja cultura e costumes devemos a preservação da Amazônia, aqueles que se entregam à defesa e à prática de uma produção ecologicamente sustentável, como acontece na agricultura familiar, aqueles que se põem contra a exploração predatória das riquezas da natureza.

Na *Laudato Si'*, o Papa recorda que a experiência religiosa pode oferecer um contributo de especial importância à ecologia, na medida que ambas são manifestações de Deus Criador. São Francisco, com seu testemunho, mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano.



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

2.7. O desafio do sentido

Diante dos atuais e diversos tipos de atentado contra a vida e contra a dignidade humana, São João Paulo II diagnosticou, como sua fonte uma profunda crise de valores, verdadeira crise civilizatória, que inclui o ceticismo quanto aos fundamentos do conhecimento e da ética. A essa falta radical de fundamento vêm juntar-se as mais diversas dificuldades existenciais e interpessoais.

A Igreja, que faz suas, juntamente com as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias humanas sente-se comprometida e solidária com toda a humanidade em suas interrogações fundamentais: o que é a pessoa humana? Qual o sentido e a finalidade da vida? De onde provêm os inúmeros sofrimentos? Como alcançar a almejada felicidade? Como promover a paz de modo definitivo?

Para a Igreja, a solidariedade se fundamenta na consideração de que em Cristo, essas respostas foram dadas de modo definitivo. Conhecer e redescobrir o sentido da vida e traduzir esse conhecimento em atitudes e mediações adequadas é um dos maiores desafios de nosso tempo. Chegamos a ser plenamente humanos quando somos mais do que humanos, quando permitimos que Deus nos conduza para além de nós mesmos, a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a mística de viver juntos. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos.

A Igreja proclama a 'Boa Nova da paz' (Ef 6,15) e está aberta à colaboração com todas as autoridades nacionais e internacionais para cuidar deste bem universal tão grande. Ao anunciar Jesus Cristo, que é a paz em pessoa (cf. Ef 2,14), a nova evangelização incentiva todo batizado a ser instrumento de pacificação e testemunha credível de uma vida reconciliada. É hora de saber como projetar, em uma cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordo, mas sem a separação da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória, sem exclusões. O autor principal, o sujeito histórico deste processo, é a gente e a sua cultura, não uma classe, uma fração, um grupo, uma elite. Trata-se de um acordo para viver juntos, de um pacto social e cultural.

III PARTE – “Viu, sentiu compaixão, e CUIDOU DELE” (Lc 10,33-24)

3. O cuidar de Jesus – disposição em servir

*“Nós somos como um lápis com que Deus escreve os textos
que Ele quer ditos nos corações dos homens”
(Santa Dulce dos Pobres)*

O ser humano, que recebe o carinho divino e que é chamado a cultivar a criação, é também convocado a cuidar com divino carinho da vida em todas as suas formas e expressões. O sentido da vida, nós encontramos no amor que, entre outros aspectos, se traduz na capacidade de se compadecer e cuidar. Um dos primeiros passos do nosso agir, como discípulos missionários daquele que é Vida, é resgatar o sentido do viver no horizonte da fé cristã proclamando a beleza da vida. A vida, enquanto



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

lugar da manifestação de uma beleza única e singular, só será redescoberta assim quando abrimos nossos corações a uma real convivência com o outro. Diante da globalização da indiferença é urgente iniciar processos de construção de uma autêntica fraternidade.

Aprendemos com o Bom Samaritano: o meu próximo é aquele de quem eu me achego. É aquele a quem dedico cuidado. A vida é essencialmente samaritana! Não basta se aproximar de qualquer modo. É preciso descer da montaria e oferecê-la a quem está ferido e precisa ser conduzido à hospedaria. Se for preciso, devemos seguir adiante para encontrar outros que talvez estejam em situação semelhante. Agir como bom samaritano supõe um novo aprendizado: empregar nossos melhores recursos, humanos, materiais e espirituais, para aqueles que estão desfigurados pela dor.

Com a Campanha da Fraternidade, somos convidados a proclamar em todo país que a vida, Dom e Compromisso, é essencialmente samaritana! Convertidos pela Palavra de vida e salvação, somos convocados a testemunhar e estimular a solidariedade; fortalecer a revolução do cuidado, da ternura e da fraternidade como testemunho de vida dos discípulos missionários, daquele que oferece vida em plenitude.

O agir da Campanha da Fraternidade não pode nos distanciar do horizonte quaresmal. Durante a Semana Santa recordamos e celebramos a oferta de uma vida que foi intensamente doada, dedicada, compartilhada, cuidadora. Mas também lembramos o gesto de Pilatos, de lavar as mãos e não agir em favor da vida do Salvador. Em nosso agir evangelizador também temos, diante de nós duas bacias com água: de um lado, a bacia utilizada por Pilatos, símbolo da indiferença e da omissão; do outro lado, a bacia utilizada por Jesus no lava-pés, sinal de terno cuidado e compromisso para com o serviço.

Não necessitamos de novos Pilatos, que buscam ilusoriamente justificar a indiferença e a omissão diante da dor do próximo. Necessitamos de corações semelhantes ao coração de Jesus, que se curvou sensivelmente à dor de toda a humanidade e dela cuidou. Redescobrimo as águas do nosso Batismo, as águas da bacia do lava-pés e, com elas, os gestos que tocam a vida da Igreja, precisamos colocar em atitudes a beleza de uma *Igreja em saída*. Para isso é preciso ousadia e criatividade; dedicação e compromisso, a fim de que a vida seja valorizada em todas as suas formas e expressões.

Uma das maiores contribuições que os cristãos podem dar a uma sociedade marcada pela indiferença e pela morte, é anunciar que o sentido da vida se encontra no amor, o qual se traduz no cuidado para com os que sofrem. Para o discípulo missionário de Jesus Cristo, o sentido da vida está naquele que disse: eu sou o caminho, a verdade e a VIDA. A vida é um intercâmbio de cuidados, presença que fortalece os vínculos fraternos.

Tudo o que é ofertado, tudo o que é compartilhado se transforma. Assim acontece na ceia eucarística: ofertamos pão e vinho que são transformados na presença real do Senhor. A presença real do Senhor da vida clama por uma presença real e concreta de seus discípulos na vida, sobretudo onde a vida grita por sobrevivência.

Jesus identificou-se especialmente com os mais pequeninos. Isso recorda que todos os cristãos são chamados a cuidar dos mais frágeis da Terra. Mas, no modelo “do êxito” e “do individualismo” em vigor, parece que não faz sentido investir para que os fracos possam também singrar na vida.

Há uma íntima conexão entre evangelização e promoção humana que se deve exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora. A redenção do ser humano tem um sentido social, porque Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens. Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permear toda a situação humana e todos os vínculos sociais.

Neste cenário é preciso *primeirar*, ter iniciativa! É preciso sair em busca dos que não têm mais forças para chegar até nós. A fé nos faz próximos, aproxima-nos da vida dos outros. A fé que não se



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

faz solidariedade é uma fé morta. É necessário promover a solidariedade com os sofredores como sinal a interpelar e a permitir o diálogo com o mundo, gerando experiências de solidariedade e inclusão.

Contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres significa comprometer-se com todos os que sofrem. A ausência de sentido para a vida é fonte de grande sofrimento. De fato, a correria do cotidiano, a exigência de metas e desempenho e a lógica da eficiência afetam a qualidade de vida na sociedade atual, cada vez mais urbanizada, individualista e consumista. O vazio tende a colocar em crise o sentido da vida para muitas pessoas. A frustração, especialmente dos jovens, emerge quando não se consegue alcançar o desempenho. Também os cristãos são afetados por essa crise de sentido que gera cansaço, depressão, pânico, transtornos de personalidade e até o suicídio.

Falar da beleza da vida é resgatar os gestos e ações de fraternidade que colocam o amor em ação. A Campanha da Fraternidade nada mais é do que o amor organizado, que resgata e promove a vida e a dignidade da pessoa a partir da proclamação do Evangelho: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

3.1. Um compromisso com a vida

O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus, a ponto de se dizer, de quem não ama o irmão, que está nas trevas, caminha nas trevas (1Jo 2,11). Fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus, e que o amor é fundamentalmente a única luz que ilumina incessantemente um mundo às escuras e nos dá a coragem de viver e agir.

Quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. A tarefa da evangelização enriquece a mente e o coração, abre-nos horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis para reconhecer a ação do Espírito, faz-nos sair dos nossos esquemas espirituais limitados. Só pode ser missionário quem se sente bem, procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros.

3.2 Um compromisso pessoal

As mudanças que tanto queremos no mundo só serão reais se começarem em nós, a partir de nós, afetando, assim, o ambiente em que vivemos. A conversão pastoral é fruto da conversão pessoal. “Vai e faze o mesmo” (Lc 10,37). Daí a importância de renovarmos, pessoalmente, nosso compromisso de cuidado e valorização da vida; cultivar boas amizades; redescobrir o valor da vizinhança; valorizar o cuidado com a própria saúde, com o lazer e o descanso, sem descuidar da solidariedade.

Por mais que tenhamos desafios pessoais e comunitários, jamais podemos nos acomodar diante deles. No deserto, é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida. Devemos sempre recordar das palavras de Santa Teresa de Calcutá: “Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no oceano. Mas o oceano seria menor se lhe faltasse uma gota”. Um pequeno gesto é capaz de fazer diferença em uma existência toda.

3.3 Uma renovação familiar

São João Paulo II já apontou uma das causas da crise que vem crescendo e se desenvolvendo no coração das nações: um ataque desenfreado contra a família, santuário da vida. A família é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida e pode desenvolver-se. Por isso, o Papa apresentava a família como um valor imprescindível para a humanidade.



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

Segundo as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil é imprescindível reafirmar o valor da família e motivar, organizar, ainda mais, a Pastoral Familiar como resposta ao desafio de tornar nossos lares, nossas casas comunidades de fé, de ternura e de cuidado para com a vida. Nos setores pré e pós-matrimonial e em casos especiais, a Pastoral Familiar tem uma série de iniciativas para cuidar da vida em família, desde a concepção até o seu declínio natural. É preciso cuidar melhor da preparação personalizada para os noivos, encontros de namorados e de casais para vivência cristã, preparar de maneira personalizada o Matrimônio, a pedagogia da presença com o acompanhamento de gestantes, oferecer apoio e suporte para as famílias na educação cristã e catequese familiar, vivenciar e aprofundar os temas relacionados à vida na Semana Nacional da Família e na Semana Nacional da Vida.

É preciso realizar um itinerário catecumenal para a preparação do sacramento do Matrimônio que contemple os temas da vida em família, criar programas de formação permanente nos grupos de reflexão em família, dar suporte a casais recém-casados, valorizar a adoção, ser presença junto às famílias que enfrentam problemas com filhos adolescentes ou que têm situações persistentes de depressão. Também visitas às famílias que passaram por experiências de violência ou que perderam familiares nessa situação, aos pais que têm filhos dependentes de drogas, às famílias em situação de violência recorrentes e de luto. Igualmente cuidar dos viúvos e viúvas motivando grupos de apoio, de oração e de suporte, apoiar famílias que têm idosos com doenças degenerativas, incentivo a grupos de famílias missionárias. Também incentivar as famílias a formarem associações, inclusive de caráter jurídico, para a defesa dos direitos da família; influenciar as políticas sociais e os meios de comunicação afim de criar uma cultura, uma legislação e uma ação governamental favoráveis à dignidade e aos direitos da instituição familiar.

3.4. Em Comunidades Eclesiais Missionárias

O Senhor nos chama e nos envia em missão para evangelizar. Anunciar Jesus não é um ato individual, mas compromisso de toda uma comunidade, por isso não se pode separar a vida em comunidade da ação missionária. A evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre o recusaram. Os cristãos têm o dever de anunciá-lo, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria. A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração.

É preciso evangelizar assumindo a vida em comunidade como sinal de vida nova em meio à sociedade. Uma comunidade que é lar: casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária. Essa comunidade-casa deve estar de portas abertas para ser sinal profético de acolhida do dom da vida. Diante do olhar individualista e indiferente, nossas comunidades devem ser um oásis de misericórdia. Num mundo onde ninguém tem tempo para o outro, a comunidade-casa deve ser o lugar do afeto, da ternura e do abraço, do encontro fraterno em torno da palavra e da Eucaristia, que geram vida.

Superando as relações de superficialidade, mecanicistas, fundadas no fazer coisas que tornam as pessoas dependentes, somos convidados a construir comunidades-casas nas quais sejamos sustentados pela afeição, pelo bem-querer, pelo desejo de estar juntos e partilhar uma vida sadia. Contra uma cultura de morte, de ódio, de violência, de polarizações, as comunidades eclesiais missionárias devem ser lugares de reconciliação, perdão e resiliência. Indo para além do conformismo, do pessimismo estéril, da tibieza e da acomodação, a comunidade-casa deve ter portas abertas para acolher, mas também para sair, promovendo ações concretas de solidariedade e de inclusão.



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

A comunidade eclesial missionária é a casa na qual reconhecemos o outro e na qual podemos fazer, primeiramente, o bem àquele que é o meu próximo, e também atuar no mundo como comunidade em saída rumo às periferias humanas e existenciais. Torna-se urgente unir os esforços de promoção e defesa da vida a partir, principalmente, dos resultados dos Sínodos da Família, da Juventude e para a Amazônia, abrindo-se para diferentes projetos de valorização da vida.

3.5 Jornada Mundial dos Pobres

Somos convidados a assumir a Jornada Mundial dos Pobres como gesto concreto da Campanha da Fraternidade 2020. O Papa Francisco instituiu a Jornada Mundial dos Pobres como advertência a um mundo profundamente marcado pela indiferença. Não se trata de uma atitude apenas em um único dia, mas que deve marcar toda a vida dos cristãos.

Para viver a fé e celebrar com dignidade o Dia Mundial dos Pobres, o sofrimento, a responsabilidade social dos cristãos e o cuidado para com os empobrecidos no mundo devem fazer parte do exercício e do compromisso quaresmal de todos os cristãos. Aqueles que querem percorrer os caminhos da caridade, humildade e escuta é significativo ouvir os menores. Não é possível viver a misericórdia sem ouvir e estar com aqueles e aquelas que, em sua essência, trazem a misericórdia de Deus.

Outra preocupação é com a questão migratória, em nossos dias acentuada pela triste e vergonhosa realidade dos refugiados. Ela exige ressignificar as vidas dilaceradas por essas violências.

Reunido em Assis com jovens economistas e empresários, num evento sobre uma nova economia, o Papa renovou seu apelo de pôr em prática um modelo econômico fruto de uma cultura de comunhão, baseada na fraternidade e na igualdade, com ênfase nas questões ambientais que não podem ser dissociadas da garantia da justiça com os pobres.

A Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que assumem e realizam as seguintes atitudes: primeirar, envolver, acompanhar frutificar e festejar. Vejamos algumas iniciativas que podem inspirar ainda mais a ação de nossas comunidades eclesiais missionárias em vista do cuidado para com o próximo. É preciso redescobrir pequenas atitudes cotidianas capazes de renovar a vida pessoal e a vida comunitária, e de provocar grandes transformações.

Primeirar. Ter iniciativa. Ousemos ser mais ousados: a beleza de compartilhar a vida.

- a. Redescobrir onde não há presença de uma comunidade eclesial missionária e ali ser presença de vida
- b. Criar outros espaços e momentos que favoreçam a partilha da vida;
- c. Superar a lentidão que subordina a ação missionária à existência de espaços físicos e construções;
- d. Valorizar o protagonismo dos leigos e leigas;
- e. Oferecer atendimento, escuta, aconselhamento em dias, horários e locais acessíveis;
- f. Promover o diálogo ecumênico e inter-religioso;
- g. Ampliar o diálogo e melhorar a presença pública da Igreja;
- h. Aproveitar as festas eclesiais para expressar o sentido de corresponsabilidade, partilha e convívio;
- i. Valorizar datas importantes da sociedade para formar uma consciência marcada pela fraternidade e pelo mútuo cuidado.

Envolver: a vida é um intercâmbio de ternura e cuidado!

- a. Estabelecer parcerias com a comunidade escolar em vista da formação para convivência;
- b. Acompanhar as famílias e as várias expressões de juventudes;



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

- c. Promover rodas de conversa sobre a realidade local;
- d. Fortalecer laços de vizinhança, as associações de moradores;
- e. Participar de iniciativas voltadas para a Ecologia Integral;
- f. Estabelecer diálogo com poder público e entidades da sociedade civil para valorização da agricultura familiar e das cooperativas;
- g. Formar parcerias com organizações que cuidem da vida.

Acompanhar: processos fundamentados no Evangelho.

- a. Promover iniciativas na perspectiva da iniciação à vida cristã, centrada na Palavra de Deus em encontros vivenciais;
- b. Redescobrir a importância da liturgia como momento de experimentar o cuidado de Deus por nós;
- c. Celebrar missionariamente, com as famílias enlutadas;
- d. Valorização das celebrações da Palavra de Deus;
- e. Estabelecer programas de visitas missionárias a regiões desassistidas pastoralmente;
- f. Potencializar o engajamento e incidência das lideranças nos espaços sociais e políticos de mobilização social, políticas públicas e controle social.

Frutificar: não perder a paz por causa do joio. *É Deus quem tudo conduz!*

- a. Âmbito da pessoa: fazer um exame de consciência tendo em vista o pecado da omissão;
- b. Âmbito da comunidade: torná-las “casa da acolhida”, “casa da amizade”, “casa do fraterno cuidado”;
- c. Âmbito da Sociedade: redescobrir a esperança como força agregadora de sentido à vida.

Festejar: vida – dom a ser anunciado e compromisso a ser realizado.

- a. Momentos de confraternização;
- b. Favoreçam a amizade.

3.6. Uma colaboração social

Acolher:

- a. Organizar espaços de acolhida e apoio à vida, casas terapêuticas e de apoio a familiares, lugares de valorização da vida em todas as suas etapas;
- b. Criar centros de escuta e programas de prevenção ao suicídio, bem como capacitar os agentes de pastoral a identificar sinais de risco de tal atitude.
- c. Ampliar o serviço e a escuta aos pobres, buscando alternativas de superação da pobreza;
- d. Dar voz efetivamente aos pobres, fazer do “Dia mundial dos pobres” ocasião para refletir sobre causas da pobreza e favorecer o seu protagonismo.
- e. Acolher os fragilizados em espaços de solidariedade e misericórdia.

Proteger:

- a. Acompanhar e dar suporte aos pais que descobrem que o filho que está para nascer possui uma doença específica;
- b. Criar e fortalecer grupos de valorização da vida e prevenção ao suicídio.
- c. Criar e favorecer espaços em favor das crianças;
- d. Formar Redes de Proteção, com equipes multidisciplinares, para defesa do nascituro e apoiar famílias em situação de vulnerabilidade social.



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

Promover:

- a. Formação da consciência sobre o valor da própria vida e da vida do próximo;
- b. Propor a formação de agentes para cuidados paliativos;
- c. Presença junto aos hospitais;
- d. Projetos com universidades e escolas para promover a cultura do encontro;
- e. Gestos e atitudes que transformam: compromisso radical com a justiça e a solidariedade; apostar na capacidade das pessoas de serem construtoras da vida; eliminar todo tipo de exclusão; respeitar a vida das diversas culturas e etnias; ampliar as lutas para a conquista de direitos.
- f. Abrir uma linha de ação por meio da realização dos seminários, fóruns, debates com a sociedade civil para gerar nova consciência rumo a uma sociedade emancipatória, justa e fraterna;
- g. Formação sobre a Doutrina Social da Igreja;
- h. Cultivar uma espiritualidade de abertura, acolhida, convivência, diálogo e respeito.

Integrar:

- a. Incentivar a consciência da dignidade do ser humano e a importância da justiça restaurativa, principalmente no âmbito carcerário;
- b. Combater a visão reducionista da vida com uma visão integral do ser humano e dos seus direitos;
- c. Prevenção ao feminicídio e valorização da mulher;
- d. Conscientizar sobre a vida substitutiva da inteligência artificial e sobre as questões do pós-humano com os avanços biotecnológicos;
- e. Organizar atividades para a Semana da Família, Semana da Vida, Dia do Nascituro que promovam e defendam a vida, em unidade com instituições e grupos em vista de uma agenda em prol da vida em todos os âmbitos da sociedade;
- f. Criar espaços de defesa e de promoção da vida dos povos negros e indígenas, dos sem teto e daqueles sem condições de sobrevivência;
- g. Ações concretas em vista da ecologia integral, cuidando: da vida no seu conjunto; dos bens da natureza; dos mais pobres; dos povos tradicionais tirando-os da invisibilidade social; da qualidade da vida humana; da ecologia; das riquezas culturais, naturais e ambientais da humanidade; da justiça entre as gerações.
- h. Envolver as escolas e as universidades na prevenção e acompanhamento das causas do suicídio;
- i. Articular, no mundo político, ações que garantam o direito à vida e o respeito à dignidade humana;
- j. Despertar para necessidade de uma legislação ambiental que siga o princípio da ecologia integral;
- k. Motivar uma cultura da paz;
- l. Propagar iniciativas em favor da paz social e da convivência fraterna entre os diferentes;
- m. Fazer prevalecer, em nossas comunidades, o acolhimento do outro.

CONCLUSÃO

“Se fosse preciso, começaria tudo outra vez do mesmo jeito, andando pelo mesmo caminho de dificuldades, pois a fé, que nunca me abandona, me daria forças para ir sempre em frente”
(Santa Dulce dos Pobres)

Na certeza de que a Vida é um Dom e, ao mesmo tempo, um Compromisso, a Igreja segue os passos de seu Senhor, vê, sente compaixão e cuida dos homens e das mulheres que se encontram



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Fraternidade e Vida: dom e compromisso

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34)

Resumo do Texto-Base

feridos e necessitados de amor. Sem jamais perder a alegria do Evangelho, os cristãos são convidados a cultivar, na oração, na fraternidade e no serviço, um olhar de esperança, que irradie para todos a luz da vitória da Ressurreição de Cristo.

A partir da catequese *Educar para a Esperança*, do Papa Francisco, seguem alguns conselhos:

“Não te rendas à noite. O mundo caminha graças ao olhar de tantos homens que abriram frestas, que construíram pontes, que sonharam e acreditaram.”

“Onde quer que você esteja, construa! Se você está caído na terra, levante-se! Se está sentado, coloque-se em caminho! Se o tédio o paralisa, realize obras de bem! Se se sente vazio ou desmoralizado, peça que o Espírito Santo possa novamente encher o teu nada”.

“Promova a paz em meio aos homens e não ouça a voz de quem espalha ódio e divisões. Nos contrastes, paciência: um dia descobrirás que cada um é depositário de um fragmento de verdade”.

“Ame as pessoas. Respeite o caminho de todos, seja linear ou difícil, porque cada um tem a sua história a contar.”

“Jesus nos entregou uma luz que brilha nas trevas: defenda-a, proteja-a. aquela única luz é maior riqueza confiada à sua vida. E, sobretudo, sonhe! Não tenha medo de sonhar. A esperança nos leva a acreditar na existência de uma criação que se estende até o fim, até o seu cumprimento definitivo, quando Deus será tudo em todos.”

“Seja responsável por este mundo e pela vida de cada homem. Pense que cada injustiça contra um pobre é uma ferida aberta e diminui a sua dignidade. E cada dia peça a Deus o dom da coragem. Lembre-se de que Jesus venceu por nós o medo.”

“Tenha sempre a coragem da verdade, porém lembre-se: você não é superior a ninguém. Se você permanecer também o último a acreditar na verdade, não se refugie, por isso, da companhia dos homens”.

“Cultive ideais. Viva por algo que supera o homem. E, mesmo que um dia esses ideais peçam a você uma conta salgada para pagar, nunca deixe de levá-los em teu coração”.

“Se você errou, levante-se: nada é mais humano que cometer erros. E esses mesmos erros não devem se tornar para você uma prisão. Não se engaiole em seus erros.”

“Se te atinge a amargura, acredita firmemente em todas as pessoas que ainda trabalham pelo bem: na humildade deles, há a semente de um mundo novo”.

Fraternidade: Dom e compromisso. Ver, solidarizar-se e cuidar, ações de uma vida samaritana. Para partilhar a vida com o povo e dar-nos generosamente, precisamos reconhecer também que cada pessoa é digna da nossa dedicação. Cada ser humano é objeto da ternura infinita do Senhor, e Ele mesmo habita na sua vida. Independentemente da aparência, cada um é imensamente sagrado e merece o nosso afeto e a nossa dedicação.

Como povo peregrino, povo da vida e pela vida, como nos ensinou São João Paulo II, caminhamos confiantes para “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21, 1), e lançamos o nosso olhar filial à Mãe da Esperança, confiando a ela tudo o que somos e toda a Campanha da Fraternidade de 2020.